



apresentação

Sempre é dia. Caminhei pelas ruínas naquela luz parca, suja, que não me dizia se era cedo ou tarde demais. Ou se já não havia mais tempo. Quando havia menos olhos espreitando. Bichos. Quando não havia luz, a paisagem era menos óbvia, um tanto feita de imaginação, de cenários possíveis. Como se ainda houvesse futuro por ali, naquela perene claridade em que éramos obrigadas a ver tudo, tudo, absolutamente tudo. Quando tu imaginou o fim do mundo, não era o fim do teu mundo que tu imaginava, era? (POLESSO, 2021, p. 221)¹

A proposta de organizar um dossiê sobre literatura, natureza e violência para a revista *Aletria* surgiu na esteira de uma série de publicações, sejam elas do âmbito ficcional, poético e artístico, sejam da teoria e crítica literárias, da filosofia, antropologia ou das ciências em geral, que, nas últimas décadas, têm sido perpassadas por questões epistemológicas que colocam em xeque noções consagradas pela Modernidade. Em um cenário distópico, nomeado por muitos e muitas de Antropoceno, Capitaloceno ou Terricídio, o dualismo natureza-cultura, o antropocentrismo, o androcentrismo, a mercantilização e instrumentalização ilimitadas dos recursos naturais, assim como a tecnologização do cotidiano e das relações humanas passam a ser confrontados em sua própria gênese. A crise existencial atual, como afirmam Maristella Svampa e Enrique Vialle, é uma crise profundamente filosófica, que aponta para o cerne da episteme moderna, pois nos leva a indagar de onde procedem nossas representações da natureza e a questionar os fundamentos sobre os quais se desenvolveram a ciência e a tecnologia nos últimos séculos.

¹ POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 221.

A ideia do dossiê também surgiu quando ainda estávamos sob o impacto da pandemia da Covid-19 e em um contexto político, o dos quatro anos do governo de Jair Bolsonaro, que favoreceu, como nunca antes na história recente do nosso país, o garimpo ilegal em terras indígenas, a atividade madeireira ilegal (com apoio direto do então ministro do meio ambiente), a expansão indiscriminada do agronegócio e do uso de agrotóxicos, a mineração multinacional até mesmo em áreas centrais de grandes cidades, além do descaso, do cinismo e da morosidade no combate à pandemia e da indiferença governamental diante das catástrofes climáticas e ambientais que assolaram diversas regiões do Brasil naquele período, resultantes de uma necropolítica de Estado. A violência extrema desses fatores políticos, econômicos, ambientais e sociais concentrou-se de forma acintosa na região amazônica, resultando no desmatamento recorde de extensas áreas da floresta, assassinatos de ambientalistas e na tentativa de extermínio do povo Yanomami e de outros povos originários daquela região.

Os artigos publicados neste dossiê não só aprofundam e ampliam reflexões acerca da violência imposta à natureza, como apresentam novos pontos de vista e articulações diversas desenvolvidas por textos literários e obras artísticas em torno do tema aqui proposto. Nesse sentido, em “Memoria de desplazamientos forzados: mujeres, naturaleza y violencia en narrativa de desarraigados desde y hacia España y Argentina”, Mariela Sánchez analisa de forma acurada as relações que se estabelecem entre natureza e deslocamentos forçados em contextos de violência estatal, abarcando a Guerra Civil Espanhola e a ditadura civil-militar Argentina. Nas quatro obras estudadas, Sánchez identifica desde a fuga para a natureza, experimentada como *Locus amoenus* e paliativo ao trauma sofrido, até a natureza percebida como hostil e opressiva, oscilando entre amparo e perigo, além daquela que é vista como capaz de salvaguardar algum tipo de memória.

Já em “Os campos e os corpos: postopias do *beatus ille* em Samanta Schweblin e Pablo Piovano”, Emerson Pereti e Gastón Cosentino recorrem à crítica anticolonialista e aos conceitos de atmoterrorismo e biopolítica para analisar o romance *Distância de regate*, de Samanta Schweblin, e o ensaio fotográfico *El costo humano de los agrotóxicos*, de Pablo Ernesto Piovano. Ao longo do artigo, os dois autores demonstram de maneira contundente como as obras analisadas constroem o retrato do campo convertido em deserto de horrores.

Luiz Gustavo Leitão Vieira e José Otaviano da Mata Machado Silva, em “O Museu e a Fórmula: a natureza domada em *All the Light we Cannot See*, de Anthony Doerr”, aprofundam a reflexão em torno da crise do pensamento iluminista que se dá após a Segunda Guerra Mundial. A visão racionalizada da natureza presente no romance de Doerr é identificada pelos autores como “natureza domada”, termo que tomam emprestado de Andreas Huyssen, e pela “natureza por detrás do vidro”, noção criticada por Samuel J. M. M. Alberti.

Por sua vez, o artigo “Davi Kopenawa: cosmopolitismo, identidades e natureza”, de Renan Gonçalves Rocha, nos apresenta uma análise bem fundamentada das noções de identidade e de natureza presentes em *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, segundo as quais as categorias do Eu e do outro não se opõem, mas se constituem em contínua interseção, enquanto a noção de natureza é parte integrante da própria visão cósmica do político, o que pressupõe que ela está inserida em uma cosmovisão que não se ajusta às imposições jurídico-políticas e à subjetividade colonial.

Em “Duas hidrelétricas: controle da natureza, imaginação poética e animismo em Nuno Ramos e Maria José Silveira”, Pascoal Farinaccio recorre à dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer como chave de leitura do texto de Nuno Ramos, em particular, à crítica feita à dominação da natureza pela razão instrumental. Farinaccio aponta, no entanto, a abertura do texto de Ramos para o futuro e para distintas formas de existência. Na análise de *Maria Altamira*, de Maria José Silveira, o autor traz o pensamento de Emanuele Coccia e a ideia de permeabilidade, de interpenetração, na qual se movem os personagens do romance nos distintos espaços que percorrem. Também neste texto destaca-se a reflexão em torno das memórias afetivas.

Em contrapartida, Wesley Thales de Almeida Rocha, em “Travessias do infinito: a natureza e o extremo do possível do humano, em Guimarães Rosa”, observa as experiências de êxtase violento na obra do escritor mineiro. A relação com a natureza surge do encontro com o desconhecido e em espaços hostis para os humanos. O autor destaca as analogias existentes na obra roseana entre o desconhecido da natureza e o desconhecido do próprio ser humano. Outro aspecto que merece ser destacado é o do envolvimento do corpo e dos sentidos na experiência de imersão na natureza, em detrimento da razão e do intelecto.

Ademais, Rocha aponta a presença do sagrado no contato com o exorbitante e o violento da natureza.

A seção *Varia* que integra este número da *Aletria* apresenta três instigantes artigos de temáticas diversas: o de Jéssica Frutuoso Mello e Charlene Martins Miotti, que discute as consequências do estupro na comédia *Eunuco*, de Terêncio; o de Priscila Salvaia, que analisa a atuação de Quintino Bocaiúva enquanto editor da Bibliotheca do jornal *O Globo* (1874-1875); e, por último, o texto de Imara Bemfica Mineiro, que apresenta uma análise das figurações do feminino em romances de três escritoras centro-americanas contemporâneas, todos eles escritos no período posterior aos conflitos armados ocorridos na região na segunda metade do século XX.

Por fim, não podemos deixar de registrar que este número da revista *Aletria* é aberto com fotografias realizadas por duas jovens artistas plásticas mineiras, Bárbara Lissa e Maria Vaz, que gentilmente nos cederam imagens que integram seu trabalho “Quando o tempo dura uma tonelada” (2021), realizado em Brumadinho, Minas Gerais, local do maior crime ambiental cometido em nosso país: o rompimento, em 25 de janeiro de 2019, da barragem da Mina do Córrego do Feijão, sob o controle da mineradora Vale S.A, acontecimento que representou o fim do mundo para duzentas e setenta pessoas.

A Bárbara e a Maria, nossos agradecimentos e nossa esperança.

Elisa Amorim Vieira
Elcio Loureiro Cornelsen
Márcio Seligmann-Silva